

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO : JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N.º 40

FORTALEZA, 31 DE MAIO DE 1887.

SUMMARIO

Expediente ;
«A Quinzena» ;
A jangada.—PAULINO NOGUEIRA ;
Quinze dias—J. L.
A Canção de «Tragadalbas».—ANTONIO SALLES ;
Sehnsucht.—BRUNO JACY ;
O jornal.—J. DE SERPA ;
Ódio.—OLIVEIRA PAIVA ;
O filhinho do Pery.—ANTONIO SALLES ;
Estatueta.—A. MARTINS ;
Victor Hugo.—F. CLOTILDE.

EXPEDIENTE

Assignaturas

CAPITAL

| | |
|---------------------|-------|
| Trimestre | 28000 |
| Semestre | 48000 |
| Anno | 88000 |

INTERIOR E PROVINCIAS

| | |
|--------------------|--------|
| Semestre | 58000 |
| Anno | 108000 |

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

A QUINZENA

Motivos superiores a nossa vontade obrigaram-nos a retardar de alguns dias a publicação do presente numero da nossa folha.

E' uma grande falta, bem o sabemos, maior, porem, é a benevolencia dos nossos assignntes, a cujo favor devemos ter attingido hoje esta publicação o seu 10º numero, contando em breve collocal-a em condições de estabilidade e desenvolvimento, pela conti-

nuação da confiança e da sympathy publica.

Procurando corresponder a benevolencia dos que nos ajudam nesta penosa tarefa, resolvemos, com algum sacrificio mais, melhorar o material de impressão e o proximo numero sahirá todo em typo mais accommodado a este genero de publicações, quanto á elegancia e que promette a inserção de maior quantidade de materia.

Esperamos assim que os nossos assignantes reconheçam o empenho que fazemos em ser-lhes agradavel e que seja compensado o nosso sacrificio, não nos faltando a coadjuvação, com que até hoje temos sido distinguido.

A JANGADA

Attribúe-se a existencia da jangada á mais remota antiguidade.

S. Rita Durão já a descobre vogando no deluvio universal:

Via-se em longa taboa mal segura
Nadar sobr'agua a mãe desventurada;
E tendo ao collo appensa a criatura,
Ora é n'agua abatida, ora elevada ;
Quem desde o alto das casas se pendura,
Quem fabrica de lenhos a jangada ;
Qual da fome mortal horror concebe,
E crer que é menos mal, se a morte bebe

Caramurú, Cant. 3º, Est. 54.

José Bonifacio (o senador), em um lindo soneto, canta o jangadeiro da Gallilêa :

Talvez, talvez...o imperio brasileiro
Via a imagem do Christo...dor...saudade
Descer do sol ao mar no jangadeiro.

No *Magnum Lexicon Novissimum Latinum et Lusitanum* encontra-se ratis com a significação de—*jangada de pds que antigamente servia de barco.*

Moraes no seo *Dic. da Ling. Port.* dá a palavra por derivada de *jangá*—pequena embarcação da China, vindo a ser *jangada*—jangá maior ; com o que está de acordo Lacerda, *Novo Dic. da Ling. Port.*, dizendo que a palavra é derivada de *jangá* e da desinencia *ada.*

A propria mythologia não a esqueceo. No seo afamado *L'Assommoir* (O Matadouro), Vol. 1.º pag. 92, Emilio Zola, por occasião do casamento da lavadeira Gervasia, detem Madinier no Louvre, em Pariz, a explicar a Coupeau e aos demais convivas, extasiados, o famoso assumpto da *Jangada de Meduza*, cujo quadro tinhamo deante dos olhos.

Por outro lado, Antonio Knivet, na sua *Narração da Notavel Viagem no anno de 1591 da Inglaterra ao Mar do Sul*, *Rev. do Inst. Hist.*, 1878, pag. 227, a dá por «umas cannas atadas com juncos e flexiveis vergontees a modo de uma balsa.»

E Julio Verne, ora a descreve com «40 pés de comprimento e 25 de largura, mais ou menos, com plata-forma e altura de dous pés acima do nivel do mar, feita em um dia e por um só homem, com accommodações para dezenas de pessoas» (*O Chancellor, Dia-*

rio do Passageiro J. R. Kazalton, pag. 90 e seguintes); ora «feita de taboas embricadas e bem empregnadas de resina a ferver, com portas e janellas, salas de visita e de jantar, quartos, varandas, cosinha, sendo precisos dous annos para a sua construcção», (1 *Jangada, Parte 1.ª, pag. 95 e seguintes.*)

Mas eu me inclino a crêr que tanto a palavra, como o objecto, construcção e uso são peculiares ao indigena do norte do Brazil, desde Maranhão até Alagoas, unicas provincias, onde existem estes navios.

A palavra, ao meo ver, compõe-se de *nan, yan, jan* correr, de *ig* agua, e da desinencia verbal *dra* (corrompida por euphonia em *áda*,) que exprime o agente; vindo, portanto, *jan-ig-ára—jangada*, a significar litteralmente *aquillo que corre n'agua*.

E a admiração geral que causa este barco ao estrangeiro e a estranhos?

Nada do que vimos neste dia (no Recife), refere Henri Koster, excitou tanto a nossa admiração quanto as *jangadas* vogando em todas as direcções. O effeito que produzem estes barcos grosseiros é tanto mais singular quanto percebemos, mesmo á pequena distancia, somente a vela e os dous homens, que os dirigem. Elles singram mais á feição do vento do que qualquer outra embarcação.

Voyages Pittoresques, Scientifiques et Historiques en Amérique, (Brésil, Tom. 1.º, Cap 1.º, pag. 4

Tivemos esta manhã (17 de Abril de 1865), dizem Madame e M. Luiz Agassiz, mui grande distracção. Encontramos (Pernambuco) muitos destes barcos que se chamam *catinorons* (*jangadas*), frageis

embarcações de pescaria, dirigidas por pescadores, que parecem, nesta costa, verdadeiros amphibios. Seo batel consiste em alguns ligeiros troncos de arvores ligados uns aos outros, e sobre os quaes passa a vaga a cada instante sem que estes homens pareçam de qualquer forma inquietarse. Pescam, andam, assentam-se, levantam-se, bebem, comem dormem sobre estas 4 ou 5 travezinhas mal unidas, tão socegradamente e a seo gosto, na apparencia, como nós no meio do luxo do nosso poderoso navio Habitualmente entram no porto ao canir da tarde, mas vimos que, feitos ao largo pelo vento, se afastam até 200 milhas e mais. *Voyage au Brésil, pag. 32.*

Em parte alguma, diz Varnhagen, sinão na America, principalmente na famosa terra da S. Cruz, se encontram barcos com tal forma e apparencia. *Panorama, Tom. 12, pag. 376.*

A atrevida *jangada* de Pernambuco, acrescenta o mesmo autor, semelhante aos pangaios d'Africa oriental e da India, que ainda hoje accomette nossos mares, com passo do viajante europêo, que mal concebe como haja quem arrisque a vida sobre uns toros ligeirissimos mal unidos, que vão quasi debaixo d'agua, navegando dias e dias, longe da vista da terra. *Hist. Ger. do Braz., Tom. 1.º, pag. 171.*

Parece que foi para esse ousado marinheiro que o velho Horacio escreveu a sua *Ode 3.ª da Liv. 1.ª*:

Illi robur et æs triplex

Circa pectus erat, qui fragilem trunci commisit pelago ratem Primus (1)

(1) Traducção: «Tinha fortaleza e ambição de Unheiro no peito aquelle que primeiro committio ao mar revoltto a fragil *jangada*.»

Na construcção de uma *jangada* não entra uma só peça de ferro! o que prova mais ainda ser ella invenção exclusiva do indigena, que não conhecia esse metal, mas que sem elle sabia dar á essa embarcação a solidez necessaria para navegar em alto mar, prendendo os páus, uns aos outros, com fortes cavilhas de madeira rija.

Compõe-se regularmente a *jangada* de seis páus de *piú-bá* (2); mas, quando o do meio é assás grosso, já tenho visto de cinco. Os dous do centro chamam-se—*meios*, os dous immediatos—*bordos*, e os dous ultimos—*memburas*.

Eis os seus accessorios de pôpa á prôa:

—*Banco de vela*—serve para sustentar o mastro grande e a vela.

—*Carlinga* taboleta com furos em baixo do banco de vela, em que prende-se o pé do mastro, mudando-se de um para outro, conforme a conveniencia da occasião.

Bolina taboleta que, entre os dous *meios* e junto ao *banco de vela* serve para cortar as aguas e evitar que a *jangada* descáia para sotavento.

A traducção de *ratem* por *jangada*, como vio-se, é do *Magnum Lexicon*; não é minha.

(2) Quer dizer—arvore do pelle; de *pi* pelle e *úba* arvore, tal e qual á da *jangada*. Varnhagen, *Panorama, Tom. 12, pag. 376*, diz que em nenhuma outra parte, sinão na terra da S. Cruz, cresce essa arvore extraordinaria. Mas Julio Verne, *Hist. das Grand. Viag. e dos Grand. Viag., pag. 171*, diz que no dia 29 de Julho de 1585 o explorador Davis verificou no sitio da bahia *Gilbert* a presença de uma enorme quantidade de madeira de *jangada*, entre as quaes cita uma arvore inteira, que não teria menos de 60 pés de comprimento. No Ceará ha de má qualidade na serra de *Baturité*. A *me-thor* das Alagoas, onde os nossos *jangadeiros* vão-se sortir todos os annos. Chama-se *jangadeira*, da familia *tiliaceas*, chamada tambem *embira branca* (*apeida cymbalanea*).

— *Vela* — uma grande e unica, de algodãozinho, de forma de um triangulo isosteles, cozida n'uma corda junto do mastro, o que se chama *palombar a vela*; assim como tambem se chama *limar a vela*, para ficar boa, enche-a de *limo verde*; o que se consegue botando-lhe sangue de peixe com agua salgada, e deixando-a exposta ao sereno. Uma vela *bem limada* dura por dous annos, mais ou menos.

— *Ligeira* — corda presa á ponta do mastro e nos *espeques* para segurar aquelle.

— *Retranca* — vara que abre a vela.

— *Escota* — corda amarrada na ponta da retranca e nos *caçadores*. Para encher-se a vela de vento, pucha-se a escota.

— *Caçadores* — dous tornos pequenos na proa.

— *Espeques* — dous tornos de palmo com uma travessa e no meio uma forquilha.

— Na *forquilha* cada pescador amarra uma corda e, quando é preciso, nella segura-se derreando o corpo para o mar, e assim *aguentando a quéda da jangada*.

— Nos *espeques e forquilha* colloca-se o *barril d'agua*, o *tauacú*, a *quimanga*, a *cuia de vela*, a *tapinambaba*, o *samburá* e a *bicheira*.

— *Tauacú* (corruptella de *itá* pedra e *acú* grande) — pedra grande furada, presa n'uma corda, que serve de ancora.

— *Quimanga* — cabaco que guarda a comida.

— *Cuia de vela* — concha de páu com que se molha a vela quando venta; donde o ditado popular: — *Em quanto venta agua na vela*.

— *Tapinambaba* (já vulgarmente *pinambaba*) — maçame de linha com anzões.

— *Samburá* — cesto da boc-

ca apertada, em que se guarda o peixe.

— *Bicheira* — grande anzol preso n'um cacête, com que se pucha o peixe pescado para cima da jangada, afim de não quebrar a linha.

— *Banco de governo* á pôpa, no qual se assenta o mestre.

— *Macho e femea* — dous calços á pôpa, onde mette-se o remo, servindo este de leme. (3)

— *Araçanga* cacête com que se mata o peixe pescado.

— *Ipú* — arame com que é presa a linha ao anzol para o peixe não cortal-a.

— *Atapú* (corruptella de *itá* pedra e *pú* grito, — grito de pedra) — buzio grande com que o jangadeiro chama os freguezes á compra do peixe. Ainda na acta da sessão da Camara Municipal da Fortaleza de 18 de Maio de 1842 encontrei um officio do fiscal, «fazendo ver que as patrulhas da policia se intromettiam na venda do peixe e não consentiam que se tocasse o buzio quando chegava o peixe á feira; pelo que resolveo a Camara pedir providencias ao presidente da Provincia.»

As jangadas maiores tem de 6 a 7 metros de comprimento, e duram dous annos, pouco mais ou menos.

Ha entre o povo versões interessantes sobre este barco singular.

— Antigamente, quando o jangadeiro pescava algum *beijupirã* (cação de escama), içava uma bandeirinha no topo do mastro e, ao aportar á praia, pagava *patente* aos companheiros, por ter pescado o melhor peixe, na opinião dos homens do mar.

— Ainda hoje o jangadeiro tem tanta *sisma* com o ferro

que, se por ventura apparece algum *prego* na sua jangada, trata logo de desfazer-se della, do contrario ella fica *caipora*, não pesca mais.

— A isca por excellencia é a da cavalla; e, si por acaso cae alguma «garajuba» ou «charéo», o jangadeiro mata-o com todo cuidado, de modo que não caia no mar uma só gota de sangue; porque, do contrario, fogem os peixes e não pégam mais no anzol.

Mas a nossa jangada não é somente barco de pescaria, mas tambem de embarque e desembarque de mercadorias e pessoas.

Neste tanto o jangadeiro cearense prestou os mais relevantes serviços á libertação dos escravos na Capital, não prestando-se a embarcal-os para parte alguma.

No dia 14 do Março de 1884 trez delles, Francisco José do Nascimento (hoje alferes da guarda nacional), Francisco José de Alcantara e José Felix Pereira Barbosa, embarcaram no paquete «Espirito Santo» para a Côte, conduzindo a «Jangada Libertadora», que foi recolhida, como reliquia patriótica, ao Muzeo Nacional.

Na ordem ascendente, ha a «balsa» que é a reunião de algumas jangadas, convenientemente presas, com destino á longas viagens, de provincia á provincia.

Na ordem descendente, ha o «paquete», que é a jangada menor; «coringa» menor do que o paquete, e «bote» o menor de todos, unico que não tem vela, e que por isto mesmo escapou á maldição de Camões:

Oh maldito o primeiro, q' no mundo
Nas ondas vela poz em secco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,
Si é justa a justa lei que sigo e tenho.
Nunca juiso algum alto e profundo,
Nem cithara sonora, ou vivo engenho,

(3) Vide Juvenal Galeno, *Canções Populares*, Notas, pag. 271.

Te dê por isso fama nem memoria ;
Mas contigo se acabe nome e gloria.

Lusiadas, Cant. 4, Est. 102.

PAULINO NOGUEIRA.

OS QUINZE DIAS

A melhor parte do periodo a chronicar foi occupado pela questão militar, a falladissima questão que já engoliu um ministro e esteve para engolir um ministerio. Este, porém, abriu muito os braços e escapou.

A principio o Sr. Cotegipe tratou de resto o caso e galhofou ; porque S. Ex. entende, de longa data, que é a galhofa o meio mais commodo de levar a náó do estado no mar banzeiro da nossa politica superlativamente original.

Desfralda a-se as velas e os timoneiros cantam balados alegres á musica das brisas amigas.

Desta vez, porém, o mar banzava traçoicamente e escondia tempestades no seio amplo dos vagalhões.

O homem do leme sentiu que o barco desgovernava. O patrão quiz resistir ; mas o máo tempo carregou a feição e foi preciso arribar ao porto da Capitulação, com os viveres deteriorados, a marinhagem insubordinada e o vaso com avaria grossa.

Foi uma victoria para o exercito, uma derrota para o governo, diz-se.

Entretanto o exercito está hoje como hontem ; como hontem permanece o governo : absurdo, impopular mas forte, poderoso, omnipotente.

Derrotado, mas mesmo

muito derrotado, está S. M. o Imperador.

Quando o Sr Penido disse na camara, alludindo ao monarcha, que neste paiz, aos 60 annos a gente ficava intellectualmente imprestavel, por ter o miolo molle riram da pilheria glosaram-na muito, mas não procuraram verificar si tinha ou não razão o esculapio deputado e negreiro.

Pois agora o engorgitamento do imperial figadc veio descobrir, dizem as más linguas, formidavellesão no cerebro do monarcha.

Pelo menos é o que leio no *Libertador* de hontem, transcripto de visuda correspondencia.

Um imperador sadio e riço com ministros tibios e alguns de pouco juizo era o que tinhamos até aqui ; vamos agora experimentar o reverso.

Será melhor ? Será peor ?

Quem não tiver mais o que fazer que se anime a arranjar processos logicos para resolver a questão

O naufragio do Ceará tam bem foi caso dos 15 dias.

Depois daquella medonha catastrophe de Ponta de Pedra era indispensavel a do Paracurú, afim de convencer a população de que os naufragios nem sempre são cousa seria.

E desvaneceram-se muito, com effeito as tristissimas impressões, do *Bahia*.

E' que o *Ceará* naufragou com a maior felicidade, por uma esplendida manhã, nas brancas areias cearenses, sem assombro, sem terrores, sem prejuizo dos passageiros, sem miserias e por conseguinte sem necessidade de subscrição para soccorrer as victi-

mas, umas victimas alegres, aristocratas com quem tivemos o prazer de conviver por alguns dias e que brincaram, folgaram, a valer.

E o ultimo acto deste *incruento* drama maritimo consistiu na despedida dos amaveis e felizes naufragos que lá se foram no *Pará* para o sul deixando-nos... saudades.

Nem por não ser de lagrimas o naufragio do *Ceará* passamos sem uma nota lugubre as duas semanas decorridas.

Chora amargamente o nosso bom e dilecto confrade Antonio Martins a morte prematura e cruel de seu adorado primogenito, o moreno Pedrinho, em quem elle punha a melhor parte de suas mais fagueiras esperanças.

Deixemos a missão de levar-lhe o nosso pesame a Antonio Salles, poeta como elle e amigo do pequenino morto... morto a brincar, como morrem as borboletas.

J. L.

A canção de «Tragadalbas»

(AUG. VACQUERIE)

Um pescador dos mares inclementes
Me perguntou da profundeza cérula :
—Bella Maria, queres esta perola ?
E eu disse: São mais lindos os meus dentes

Brilhavam soes nas nocturninas telas,
Como pharoes illuminando abrolhos:
—Escolhe, disse o rei, duas estrellas !
E eu disse — São mais lindos os meus olhos.

Então me disse Deus:—O Paraiso
Eu te darei, esplendido de flores.
E eu respondi:—Senhor, eu não preciso,
Pois tenho o puro céo dos meus amores.

E Satanaz me disse:—Não são bellos
Esses mimos de Deus, pobres, banaes :
Dou-te o inferno ! E eu disse a Satanaz:
—O inferno tenho eu, pois tenho zelos !

ANTONIO SALLES.

SEHNSUCHT

A noite é calma e doce ; o bosque denso, umbroso,
Murmura brandamente à fresca viração ;
O manto do luar se estende languoroso ;
Brilham furtivamente os astros na amplidão.

A aragem traz perfume, o bosque tem mysterios ;
Tudo é sereno e doce—a terra, o céu e nós.
Eu imagino então nos páramos ethereos
Teu vulto divisar, ouvir-te a meiga voz

Mas breve se esvaece a pallida miragem,
E extinguem-se, bem cedo, os devaneios meus
N'um suspiro, que vai apoz a tua imagem,
Qual candida oração voando aos pés de Deus.

BRUNO JACY.



O JORNAL

(A PROPOSITO DO 6.º ANNIVERSARIO DO LIBERTADOR)

Li o *Fausto* e deitei-me. Um sonho bello-horrivel
Fez-me ver tudo em roda ardendo como um forno !
A terra olhava o Céu ; e o Céu, mudo, impassivel,
Tinha a Morte no seio e via a morte em torno !

Rugia a Tempestade orchestrações medonhas
E enchiam todo o espaço as lavas do Sinai...
O Mar mandava ao Azul deprecações tristonhas
E aos Ventos, a bramir, dizia o Céu : «parai !»

Assombroso painel ! Dir-se-ia a luta iminensa
De Roma e Ravanah, ou Jehovah e Satan !
Abysmos sobre o abysmo ! Em vão a devia crença
Buscava ver no espaço a estrella da manhã !

Era o Cosmo em ruina ! Açoites implacaveis
Flagellavam de morte a Terra, o Mar e os Céos !
Voltava a Humanidade às Eras insondaveis !
Vestia-se de assombro o Espirito de Deus !

Mas subito apparece, auri-fulgente e bella,
A Aurora a desdobrar-se, esplendida de luz !
Resôam inda ao longe os uivos da Procella,
Mas REINA PLENA PAZ entre Ahriman e Ormuzd !

Faz-se então inventario à velha Humanidade.
Tudo é morte e horror ! Só vive o immortal !
Apenas Gutemberg, em honra à Liberdade,
Salvou do Cataclismo a arca do—JORNAL...

1.º—Janeiro—1887.

J. DE SERPA.



O ODIO

Junto á amurada engoiava-se
se uma gaiola de paos, onde,
como um pendulo. sombras de
velas e cordagens iam e vi-
nham vagorosamente ao bel
prazer da fluctuação.

Rondava dentro da jaula um
gato maior que um cachorro
grande.

Perto, quando clareava, re-
luzia o olhar de um negro, acco-
orado no sopé do mastro, com
as mãos cruzadas abarcando os
joelhos.

Via-se bem o animal preso,
movendo-se com pés de seda e
garbo de mulher.

Passeiava desdenhosamente.
Amarello fulvo, lindamente
mouriscado com patacos pre-
tos, como não ha velludo.
Quando alguém aproximava-
se, a fera largava uma ronca-
ria por entre as presas, e dava
botes nos paos, explosindo bu-
fidos espantosos.

O commandante muitas ve-
zes, desanuviava a sua cerveja
fazendo-se espectador da eter-
na aversão e tolhido orgulho
do bicho feroz, de cujo capti-
veiro abusavam; fasiam-lhe tre-
geitos, cotucavam com um
bastão, davam-lhe um pao a
morder, de modos que o ani-
mal parecia chorar de raiva.

O piloto, muito chalação,
desandava-lhe descompostu-
ras :

—Anda lá marafona ! Pen-
savas qu'isto qu'era a furna ?
Olhe que ella pega-o, com-
mandante !

E d'ahi, amabilisava com
uns nomes feios,—filha d'esta,
filha d'aquella, como si fosse
entre duas pessoas :

—Eu não lhe tenho medo,
porque lá arrebentar esse ni-
cho é o que ella não pilha.

—

N'essa noite, o negro notou

um lume que bciava no escuro do oceano, como um pyrilampo; e o seu pensamento, que por uma certa sympathia de genios e de condição costumava ater-se á onça presa, apegava-se agora a esse nonada phosphorescente.

Muito depois, o foguinho crescia, e o negro foi obrigado a sahir de ao pé do mastro por via das manobras de bordo. O diabo do lume tinha coisa: O navio evitava-o como si estivesse cheio de polvora e essa tocha distante fosse uma faísca a perseguil-o perversamente.

O negro, sentindo que havia um perigo qualquer, voltou de novo o pensamento para o tigre.

Antegustava uma satisfação feroz, prevendo um bello horror de destruições. Apertavam as vozes de commando, e o mestre enfurecia, — quizera ter os punhos do mundo inteiro para torcer o rumo ao vento! Era uma vela metter-se onde elles queriam, e bambeava com os paroxismos de um sossobrante. Havia um demônio no espaço negro, a embirrar com o barco.

O commandante e officiaes ainda estavam bebidos da orgia que tiveram ao sahir do porto.

O escravo, supersticioso, jurava entre si que o lume que se aproximava era o espirito maligno, em feitio de macaco, ás cabriolas de onda em onda, com uma brasa na bocca. Elle via até uns ziguezagues na trajectoria do pharol movediço.

Assombrado pela incerteza do perigo, elle desce, e voltou com um machado. No pescosso conservava o seu amuleto. Estava armado para o desconhecido. Fazia muito frio. Começou a espalhar-se um medo, insinuativo no meio da treva, e mais tarde o pavor.

De repente a luzinha estava mesmo em cima d'elles, emmanhada no porte alevantado de um paquete a vapor

Um estremeção prolongado, como um desahamento, sahio do navio todo, que rangiu nas infimas veiaduras do cavername. O pessoal ficou um instante bestializado. E depois, como um bando turvo de vampiros no seu voar frouxo e mortuario, sahia de todos os poros a ideia de morte. O vapor, cujo era o pharol fatidico, havia mettido a pique o barco, e talvez tivesse tambem sossobrado, matando-se ambos sem reconhecer-se, arrastados pelo demonio das colliões maritimas, um d'aquelles que ao cahir do céu ficaram nos ares prestando ao género humano o relevante serviço de fazer-lhe mal.

O negro levou as mãos á cabeça. Sob a noite estrellada, elle via os borbolhões do horrendo por toda parte. Escaleres ao mar, salvavidas, aconchego e desespero dos que se amam, considerções para com os delicados, heroismo dos fortes, n'um rapido.

D'elle se não lembravam. A noite de sua pelle casava com a do espaço entremeiadas pela de sua vida. Sua alma hostile armara-o de machado, porque elle desde menino ouvia fallar em lutas de corso e de piratas. Isto im, lhe seria um triumpho. Emtanto, restava-lhe boiar, e ainda si fosse possivel. Não podia prestar serviços, porque ninguem se entendia, assim nas goelas da morte.

E achava-se de braços cruzados, sobre o abysmo, elle, o forte, o valentão, o calmo, o heroe, o hercules. No veo das sombras viu bruxclear os olhos do tigre. Ah! e a fera não teria direito ao salvamento? A desordem a bordo era in-

superavel. Um salve-se-quem-poder! E o possante brut humano ergueu o machado e descarregou um golpe sobre a jaula. Ebrio de sua magistade, arriou novo golpe, e repetiu. A fera recuara para o fundo, e quando viu o rombo que a desagrilhoava atirou-se... avida por beber sangue e doida de fome. Rolavam no convez, a onça atracada com o escravo.

O navio empinava para a profundez. Na voragem, a fera remontou á gaiola, que fluctuava nas aguas, enquanto o cadaver do escravo descia no abysmo, talvez com a intima satisfação de ter libertado uma fera, entre elles perdurando uma certa sympathia de genios e de condição.

Era elle quem tratava do tigre. Amava-lhe o rancor eterno. Achava-o formoso, tão dourado, tão liso, tão forte! Comprazia-se em matar-lhe a sede e a fome. Amava-o porque o bicho indicava ser inaccessible ao amor. E foi um grande prazer, desapparecer da vida deixando em seu lugar um bruto que era uma concretisação do odio, humor necessario á vida social, como o fel á vida individual.

OLIVEIRA PAIVA.



O FILHINO DO PERY

O Pedrinho, eu conheci-o!
Era moreno e sadio,
Esbelto qual beija-flor.
Havia nessa criança
Tanta luz, tanta esperança...
—Era um pequeno condôr!

No seu olhar negro e vivo
Cantava um raio festivo,
—Um raio alegre de sol;
E a voz era tão suave

Como o trinado de uma ave,
—Trinado de um rouxinol.

Qual n'uma rosa-menina
Perpassa a asa traquina
De uma borboleta azul;
Um sorriso petulante
Pervaguejava incessante
N'essa boquinha taful.

Em tardes serenas, placidas,
Sentados em *chaises* flacidas
Os amantissimos paes,
Contemplavam nudos, ledos.
Os saltitantes brinquedos
Dos cupidinhos joviaes:

Qual d'elles, mais q' o Pedrinho
N'esse infantil borborinho
Gritava e sorria mais?
Quem, a correr na calçada,
N'essa gentil revoada
Poude alcançal-o jamais?

Quando montava faceiro
No seu felpudo carneiro
Pinturilado de anil,
Com aquelle *aplomb* engraçado
De um general consumado,
Meu Deus, como era gentil!

Equando alguém vem dizer-me
Que a morte--o perfido verme,
D'esse mimoso botão
Cortara o caule viçoso
E qu'esse botão mimoso
Repousa, morto, no chão;

Eu sinto uma dor profunda
Tão pungitiva, tão funda,
Qual nunca, nunca senti,
E vejo o pranto pungente
Que desce saudosamente
D'esses teus olhos, Pery!

ANTONIO SALLES.



ESTATUETAS

I

Limpido o ceo do seu olhar profundo,
Amplio, basto,— uma noite, os seus cabellos,
—Hermengarda surgindo entre castellos
O sonho, o idéal do ethereo mundo

Rútila Aspasia, enleia-nos ascética
E deixa-nos á ler a Arte-Poética.

Na meiguico dos olhos, de uma
expressão vivace e terna ao mesmo
tempo, tem elle o poder magnetico
com que se impõe á primeira im-
pressão. Modesto e correcto no ty-
po, modesto e correcto no traje.
Sob os supercilios, levemente severos,
esconde-se-lhe a preocupação
de um ideal...

Tem as abstracções somnambulas
dos poetas. As feições, a barba e
o perill do rosto dão-lhe uma seme-
lhança vaga do Nazareno. Estatura
regular, linhas completas no con-
junto geral. Atravez do vidro do
nosso monoculo, e do da redoma que
cobre esta estatueta, parece-nos que
esta construcção, psychologiquement
fallando, é feita de fino marmor
de Carràra, e, para nós,—peça de
valor instimavel.

Animando-a, temos mais ou menos
uns tons biographicos n'um *simile*
de pura phantasia nossa. Raciocine-
mos ou antes idealisemos:

E' moço e medita. Seria um pen-
sador profundo, si a natureza, além
das circumstancias do *meio*, não
lhe enchesse o peito dessa caçoila
da qual deixa às vezes escapar uns
tigres de oiro ou uns suspiros ele-
ctricos feitos de sensações de puro
lyrismo. Aos vinte annos cantou as
rubras manhãs do norte nos «cantos
do amanhecer». Internou-se nas flo-
restas virgens e guiado pelo seu
ideal foi ouvir, ás escondidas, os
canticos de guerra dos gentios.

Depois, a sina carregou com elle,
becharelou-o com um *canudo* de
cinco annos iguaes ou mais exten-
sos que os do doce captivoiro de
Jacob; internou-o pelos soturnos re-
tiros das aldeias onde elle, a malu-
car com os livros, aprendeu mais
coisas mundanas que apostilas de
jurisprudencia.

Planeou uma inconfidencia contra
a sua propria sina, mas esta, cacete
como a mais estremecida sogra, ca-
pturou-o á beira do Mocuripe da
suspirosa Iracema e entregou-o ás
Justiças.

Um caipora, somente, nessa sub-
levação.

Não mais—poeta perfeito, lyrico no
verso, adoravel na prosa.

Fez o *Nazareno*, que é a expressão
mais lyrica da Biblia, em prosa, e fez
do *Tigre*, o animal mais carniceiro
da zoologia, um soneto:

«O TIGRE

(A' J. BANDEIRA).

Por toda parte a luz. A aboboda celeste,
Como um lothus azul, se volta para chão.
A tunica do sol, que a natureza veste,
Derrama na floresta um rubido clarão

E junto ao Ganges san o, a sombra do
(nopal),

Não longe des juncaes, que o rio beija e
(inflora.
Erguendo o escuro dorso em curva sensual,
Tranquillo o tigre bebe emanacões da
(aurora.

Nervoso, estende a mão; a cauda ritornella,
Rôla feliz ao chão... Mas pula esfomeado
Ao ver entre os sarcaes a timida gazella.

Assim o coração: Um tigre mosqueado,
Que vive em nosso peito e doudo se rebella,
Sentindo approximar-se o seu amor so-
(nhado,

V. B.»

A. MARTINS.



VICTOR HUGO

Deante do vulto eminente
desse grande homem, cujo no-
me glorioso occupa hoje uma
das paginas mais brilhantes
da historia, deve prosternar-se
na homenagem de um culto,
não só a sua patria como o
mundo inteiro.

Victor Hugo--o genio que
assombrou o seculo, a aguia
altaneira cujos vôos se eleva-
ram aos paramos da immorta-
lidade, o grande poeta, o ini-
mitavel escriptor, o gigante
da litteratura, tem direito á
mais perfeita e esplendida apo-
theose.

Neste momento vou reco-
lher algumas das notas que
hão de sempre resoar repassa-
das de saudade e admiração
pelos ambitos da França, para
com ellas formar, senão um
panegyrico, pelo menos um
concerto de desentoados lou-
vores ao adoravel *velhinho* que
tanto elevou a mulher, idealis-
sando as mais bellas creações
femininas, e illuminando-as
com as irradiações de seu pro-
digioso cerebro que se banha-

va n'um oceano de luz e inspiração.

Victor Hugo tem direito a todos os laureis que merecem o talento e a verdadeira erudição. Ante elle devem curvar-se todas as intelligencias, dobrarem-se todas as frentes.

Foi maior do que um monarca porque teve a unica realisa que domina e subjuga os espiritos.

Na sua frente brilhava a corôa immarcessivel dos predestinados da gloria e da immortalidade.

Sobre o seu tumulo cahiram as lagrimas de todos que lhe conheciam a grandesa do genio e a bellesa do coração, transformadas em um chuveiro de perolas para mais aformosearem-lhe o diadema immortal.

Ninguem viu no asylo mortuario onde elle repousava a escuridão pavorosa do sepulchro. Havia antes o reverbero de uma luz celeste que se não podéra de todo apagar, e sentia-se-lhe o espirito esvoaçar sobre os restos mortaes da materia.

A morte não fez senão abrir-lhe a senda luminosa que para os grandes homens vae do sarcophago ao Pantheon, e o seu immenso esplendor illuminará não só a França, como o mundo inteiro.

O peso dos annos, o frio do inverno da vida que lhe roubára o viço e a força da mocidade, adormecendo-lhe as paixões e esfriando-lhe os ardores juvenis não poderam diminuir um só gráo a intensidade de seu pujante talento.

Os frios de cabellos encanecidos pela idade accenderam-se muitas vezes nas labaredas da inspiração, e do mesmo modo que o moço bebera os segredos da poesia na taça do

entusiasmo da juventude, poudo o velho enlevado nos cabellos de ouro da neta idolatrada e no amor da sciencia que tanto engrandecêra e honrara, phantasiar o que de mais idealmente bello póde haver na mente humana, realisando esplendidas concepções, que semelhantes aos raios do sol prestes a occultar-se no poente aqueceram ainda as ultimas flores que nasceram para se desfolharem sobre o seu tumulo.

A poesia, o romance e o theatro enriqueceram-se com as joias do cofro precioso de sua intelligencia.

Seus trabalhos litterarios são perfeitas maravilhas, e ninguempoderá contestar-lhes o subido valor nem empanar-lhes o fulgurante brilho.

E impossivel fazer-se uma analyse completa dessas preciosidades litterarias.

Seria o mesmo que tentar contar todas as estrellas ou apanhar todas as perolas do mar.

Basta uina de suas obras—os Miseraveis—para ostentar a omnipotencia de seu genio.

Ao lê-la, a mente devassa mundos desconhecidos, o coração palpita, a alma sonha e os versos estremecem sob as mais doces e agradaveis sensações.

Por vezes a phrase é vibrante, vigorosa e produz o effeito de um choque electrico, as vezes é meiga, suave, deliciosa com o resaiço de beijo materno: ora sóbe em espiraes de poesia aos prazeres do céu, ora desce no redemoinho das paixões até os horrores do inferno.

A mulher occupa sempre um logar proeminente em todas suas obras, e quer se mostre pura ou criminosa deixa

os rastos luminosos de uma alma susceptivel de aperfeiçoar-se e engrandecer se pelo amor.

Em --Notre Dame de Paris—palpita uma de suas melhores creações femininas—a Esmeralda.

Em «Han d'Island» desenrolam-se os horrores do crime, nascido da sêde de vingança paterna. E' um homem que se transforma em féra para no delirio de uma febre infernal beber no craneo do filho assassinado o sangue de uma raça inteira.

Emfim, em todas as obras de Victor Hugo vêem-se os lampejos de um genio que deslumbra. E' um gigante que domina com a força colossal da intelligencia, com o poder irresistivel da inspiração.

A França deve vangloriar-se de ter sido a patria de tão grande homem.

O enorme prestigio de seu talento eleva-a e engrandece-a, e nunca filho mais illustre nem talento mais notavel deu-lhe tanta gloria e derramou tanta luz sobre o seu nome.

Victor Hugo ha de fulgurar sempre como estrella de primeira grandesa no céu das lettras, ou antes como o sol que brilha com luz propria aclarando os antros mais obscuros da terra.

O mundo ouvirá extasiado a epopéa que tradusem as obras desse grande homem que imprimiu nas mais arrebatadoras creações um beijo de poeta e artista, enchendo de harmonia e gloria o seculo XIX.

F. CLOTILDE.